

# ASPECTOS DO SETOR HORTIGRANJEIRO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19, NO PERÍODO DE MARÇO A MAIO DE 2020



**Presidente da República**

Jair Messias Bolsonaro

**Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

**Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento**

Guilherme Soria Bastos Filho

**Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento**

Bruno Scalon Cordeiro

**Diretor-Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização**

José Ferreira da Costa Neto

**Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas**

Cláudio Rangel Pinheiro

**Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações**

Sergio De Zen

**Superintendência de Abastecimento Social**

Diracy Betânia Cavalcante Lemos Lacerda

Ana Rita da Costa Pinto (**Assistente**)

**Gerência de Modernização do Mercado Hortigranjeiro**

Joyce Silvino Rocha Oliveira Fraga

# **ASPECTOS DO SETOR HORTIGRANJEIRO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19, NO PERÍODO DE MARÇO A MAIO DE 2020**

Superintendência de Abastecimento Social  
Gerência de Modernização do Mercado Hortigranjeiro

**Coordenação técnica:** Joyce Silvino Rocha Oliveira Fraga  
Gerente de Modernização do Mercado Hortigranjeiro

Brasília, setembro de 2020

Copyright © 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
ISSN: 2448-3710

**Compêndio de Estudos da Conab:** publicação da Companhia Nacional de Abastecimento cujo objetivo é promover o debate e a circulação de conhecimento nos segmentos da agropecuária, abastecimento e segurança alimentar e nutricional.

**Coordenação técnica:** Joyce Silvino Rocha Oliveira Fraga

**Supervisão:** Ana Rita da Costa Pinto e Diracy Betânia Cavalcante Lemos Lacerda

**Equipe técnica:** Anibal Teixeira Fontes, Felipe Barros de Sousa, Fernando Chaves Almeida Portela, Maria Madalena Izoton, Newton Araújo Silva Junior e Paulo Roberto Lobão Lima

**Colaboração:** Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento (Abracen), Centrais de Abastecimento do Brasil (Ceasas) e Superintendências Regionais da Companhia Nacional de Abastecimento.

**Revisão ortográfica, ilustração e diagramação:** Guilherme Rodrigues

**Projeto gráfico:** Guilherme Rodrigues

**Normalização:** Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

C737c Companhia Nacional de Abastecimento.  
Compêndio de Estudos Conab / Companhia Nacional de Abastecimento. – v. 1 (2016- ).  
- Brasília: Conab, 2016-

Irregular

Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>

ISSN: 2448-3710

1. Agricultura. 2. Abastecimento. 3. Segurança alimentar. 4. Agronegócio. I. Título

CDU 338.43(81)(05)

**Distribuição gratuita:**

**Companhia Nacional de Abastecimento**

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6262

<http://www.conab.gov.br> / [gebio@conab.gov.br](mailto:gebio@conab.gov.br)

## **RESUMO EXECUTIVO**

A nova realidade vivenciada em função da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) influenciou das mais diversas maneiras as cadeias produtivas de frutas e hortaliças no Brasil. O presente trabalho traz um estudo analítico, tendo como referência o período de março a maio de 2020, acerca das consequências, para o setor hortigranjeiro, da adoção das medidas de isolamento social, sejam elas mais rígidas ou flexíveis, considerando as particularidades de cada região do país. Adicionalmente, são abordados aspectos da dinâmica de comercialização, sob o enfoque das Centrais de Abastecimento. Esse cenário impõe novas variáveis que precisam ser consideradas, tendo em vista a manutenção da regularidade do abastecimento alimentar.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>07</b>
<b>Hortaliças</b> .....	<b>08</b>
Comercialização de Hortaliças nas Centrais de Abastecimento .....	08
Análise de Preços .....	09
Importação de Cebola .....	11
<b>Fruticultura</b> .....	<b>13</b>
Comercialização de Frutas nas Centrais de Abastecimento .....	13
Análise de Preços .....	14
Exportação de Frutas .....	16
<b>Cenário do Setor Hortigranjeiro por Região</b> .....	<b>18</b>
Região Centro-Oeste .....	19
Região Nordeste .....	20
Região Norte .....	23
Região Sudeste .....	26
Região Sul .....	28
<b>Conclusão</b> .....	<b>30</b>
<b>Referências</b> .....	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado pelo Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort), a partir de levantamentos efetuados nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e pelas Superintendências Regionais da Conab (Suregs). Tem por objetivo descrever como as medidas de distanciamento e isolamento social, adotadas para controlar a disseminação do Coronavírus, e seus consequentes desdobramentos econômicos, refletiram-se no setor hortigranjeiro do país entre os meses de março e maio de 2020. Assim, serão apresentadas algumas das iniciativas tomadas pelas Unidades da Federação (UFs), visando à manutenção da regularidade do abastecimento, bem como análises realizadas a partir da oferta e dos preços registrados nas Centrais de Abastecimento.

Para tanto, serão apresentados dados de comercialização das hortaliças e frutas até maio/2020, obtidos junto às nove principais Ceasas do país, quais sejam Ceagesp/SP - São Paulo, CeasaMinas/MG - Belo Horizonte, Ceasa/RJ - Rio de Janeiro, Ceasa/ES - Vitória, Ceasa/PR - Curitiba, Ceasa/GO - Goiânia, Ceasa/DF - Brasília, Ceasa/PE - Recife e Ceasa/CE - Fortaleza. Cabe ressaltar que esses mercados atacadistas estão localizados nos principais centros populacionais do país, respondendo conjuntamente por mais de 70% da comercialização realizada no segmento atacadista de hortifrútiis nacional. Além disso, desempenham a função de centro de reexpedição para outras regiões do país, a exemplo da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) e das Centrais de Abastecimento de Minas Gerais (CeasaMinas).

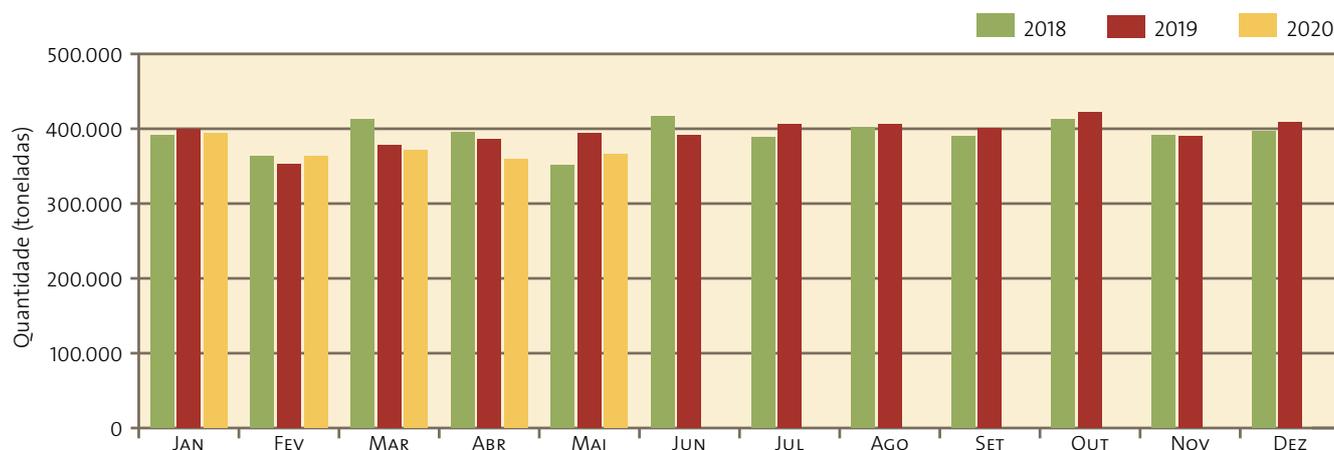
O cenário do setor foi complementado a partir de relatos encaminhados pelas Superintendências Regionais da Conab, levantados junto às instituições públicas locais, como órgãos de assistência técnica, associações e organizações de produtores, a respeito da realidade vivenciada em cada estado nos segmentos produtivos e de comercialização do setor hortifrutícola.

# HORTALIÇAS

## COMERCIALIZAÇÃO DE HORTALIÇAS NAS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO

O Gráfico 1 apresenta a comercialização do setor de hortaliças, que engloba tuberosas, herbáceas e frutos para Ceagesp/SP - São Paulo, CeasaMinas/MG - Belo Horizonte, Ceasa/RJ - Rio de Janeiro, Ceasa/ES - Vitória, Ceasa/PR - Curitiba, Ceasa/GO - Goiânia, Ceasa/DF - Brasília, Ceasa/PE - Recife e Ceasa/CE - Fortaleza.

Gráfico 1 - Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas analisadas de janeiro a maio de 2018, 2019 e 2020



Fonte: Conab

Em termos da comercialização nas principais Ceasas, pode-se verificar que as quantidades movimentadas nos mercados atacadistas, de uma forma geral, não foram muito afetadas pela pandemia do Coronavírus. Fazendo-se um comparativo dos cinco primeiros meses do ano, a co-

comercialização caiu apenas cerca de 3% em relação a 2018 e 2019. Após março, com a implementação das primeiras medidas para conter o Covid-19, a comercialização ficou abaixo da registrada em 2019, porém com maiores percentuais em abril e maio, cerca de 7%, na variação com o mesmo mês do ano passado. Apesar de vários fatores surgirem no mercado em decorrência das medidas de isolamento social, essas atingiram de forma pontual e diferenciada os diferentes segmentos do grupo das hortaliças.

Se, por um lado, a demanda ficou retraída, em razão do fechamento de bares e restaurantes, interrupção das atividades nas unidades de ensino e paralisação das feiras livres, ou seu menor fluxo; por outro, houve maior consumo direto pelas famílias. Nesse contexto, notou-se o aumento das compras nos mercados que servem direto ao consumidor final.

É importante frisar que as folhosas, por sua extrema perecibilidade, foram o subgrupo das hortaliças mais afetado pelas medidas adotadas para o combate ao Covid-19, como a limitação das idas ao supermercado pelas famílias, e – consoante relatos dos analistas de mercado consultados nas diferentes regiões – também por força das recomendações de correta higienização dos alimentos, visando a uma maior segurança para seu consumo. Isso fez com que as famílias dessem preferência às hortaliças passíveis de serem consumidas cozidas. Assim, as hortaliças folhosas tiveram demandas mais retraídas, provocando, em várias regiões produtoras, a perda do produto no campo, não sendo sequer colhido por falta de demanda e em razão da impossibilidade de armazenamento e escoamento. Isso é corroborado pela redução de 12% na comercialização desse setor nos meses de março, abril e maio de 2020, em comparação com o mesmo período de 2019, nas Ceasas selecionadas.

Nesse cenário, destaca-se a queda na movimentação da couve-flor (25%), da alface (22%) e do brócolis (15%). Deve-se citar que a variedade de alface com maior queda na comercialização foi a americana (33%), sendo a variedade mais absorvida pelos restaurantes, em especial pelo segmento *fast food*. Considerando o mesmo período comparativo, as hortaliças fruto tiveram diminuição na comercialização de 10%, e as hortaliças raiz, bulbo, tubérculo e rizoma tiveram queda na comercialização de apenas 2%, já que são mais indicadas para o armazenamento por períodos prolongados.

## ANÁLISE DE PREÇOS

A Tabela 1 apresenta a média de preços no período de março a maio de 2020, fase em que se iniciou a adoção das medidas de enfrentamento ao Covid-19. Foram consideradas as hortaliças com maior comercialização nas Centrais de Abastecimento do país e que possuem maior representatividade no cálculo do índice de inflação oficial, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), quais sejam: alface, batata, cebola, cenoura e tomate. Para o estudo foram consideradas as seguintes Ceasas: Ceagesp/SP - São Paulo, CeasaMinas/MG - Belo Horizonte, Ceasa/RJ - Rio de Janeiro, Ceasa/ES - Vitória, Ceasa/PR - Curitiba, Ceasa/GO - Goiânia, Ceasa/DF - Brasília, Ceasa/PE - Recife e Ceasa/CE - Fortaleza.

Tabela 1 - Média de preços das principais hortaliças, de março a maio de 2020, e sua variação em relação ao mesmo período de 2019

PRODUTO	ALFACE		TOMATE		BATATA		CEBOLA		CENOURA	
	Preço Médio 2020	Variação								
CEAGESP - São Paulo	1,59	-50%	3,16	-34%	2,62	-21%	3,39	11%	2,61	-14%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	4,97	-31%	2,33	-6%	1,98	-15%	2,93	22%	2,07	6%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	2,46	-12%	3,02	-13%	2,80	-9%	3,38	50%	3,21	12%
CEASA/ES - Vitória	1,82	-31%	3,27	-5%	2,47	-18%	3,24	25%	2,60	11%
CEASA/PR - Curitiba	1,65	-28%	2,52	-28%	2,80	-10%	3,06	21%	2,26	12%
CEASA/GO - Goiânia	2,00	-17%	3,45	-10%	2,69	-12%	3,65	23%	2,35	0%
CEASA/DF - Brasília	4,47	-26%	2,68	-39%	2,26	-19%	3,33	11%	2,53	13%
CEASA/PE - Recife	3,93	23%	3,42	-12%	3,33	-7%	3,40	55%	3,37	10%
CEASA/CE - Fortaleza	5,53	-33%	3,55	26%	2,92	2%	3,83	22%	2,28	-11%

Fonte: Conab

Das cinco hortaliças estudadas, pode-se observar na Tabela 1 que, na maioria dos mercados, três demonstraram menores preços médios este ano em comparação com a média de 2019, quais sejam, alface, tomate e batata. As variações negativas são mais acentuadas na alface, seguida do tomate e, por último, com menores percentuais, a batata.

Nesses três primeiros meses de ocorrência da pandemia, é notório que as hortaliças que mais sentiram as medidas de combate ao Coronavírus foram aquelas com maior perecibilidade, sendo difícil o seu armazenamento. Esse é o caso da alface e do tomate. A primeira não foi diferente das demais folhosas. A maioria, pertencente a esse subgrupo, teve seus preços em declínio, mesmo com a menor oferta. Conforme relatado anteriormente, tal fato foi consequência de uma demanda reprimida tanto pelas medidas adotadas, quanto pelo comportamento do consumidor ao evitar alimentos crus.

No caso do tomate, também se pode citar sua perecibilidade como um fator negativo. Seus preços foram influenciados diretamente pelas medidas de isolamento social em face do Covid-19, reduzindo de imediato a sua demanda. Entretanto, é importante ressaltar que, nessa época, a tendência de preço declinante nos meses em análise e nos dois subsequentes (março a julho) já é esperada. A média de preço deste ano está abaixo da de 2019 também pelo ponto de inflexão do comportamento do preço. Em outras palavras: em 2019, o preço passou a cair em maio; em 2020, ele apresenta esta queda já em abril. Deve-se lembrar que a partir de maio, com as temperaturas mais frias, o produtor tem maior controle sobre a colheita, já que a maturação não ocorre de forma tão rápida, como em épocas de calor e, assim, a oferta pode ser equilibrada.

Para a batata, foram observados menores níveis de preços neste ano de 2020, o que explica o fato de a média dos meses de março a maio estar menor do que a do mesmo período de 2019. Frisa-se que, mesmo com o cenário da pandemia, o comportamento de preço é típico para o período analisado, ou seja, ascensão no final da safra das águas e no início da safra da seca, que ocorrem justamente nos meses citados nesta análise. Os preços da batata vêm em alta desde o final de 2019 e início de 2020, com acirramento da tendência de abril para maio. No final de maio, entretanto, a alta das cotações já foi aliviada com a intensificação da oferta da safra da seca, devendo, não obstante, permanecer em queda em junho e julho.

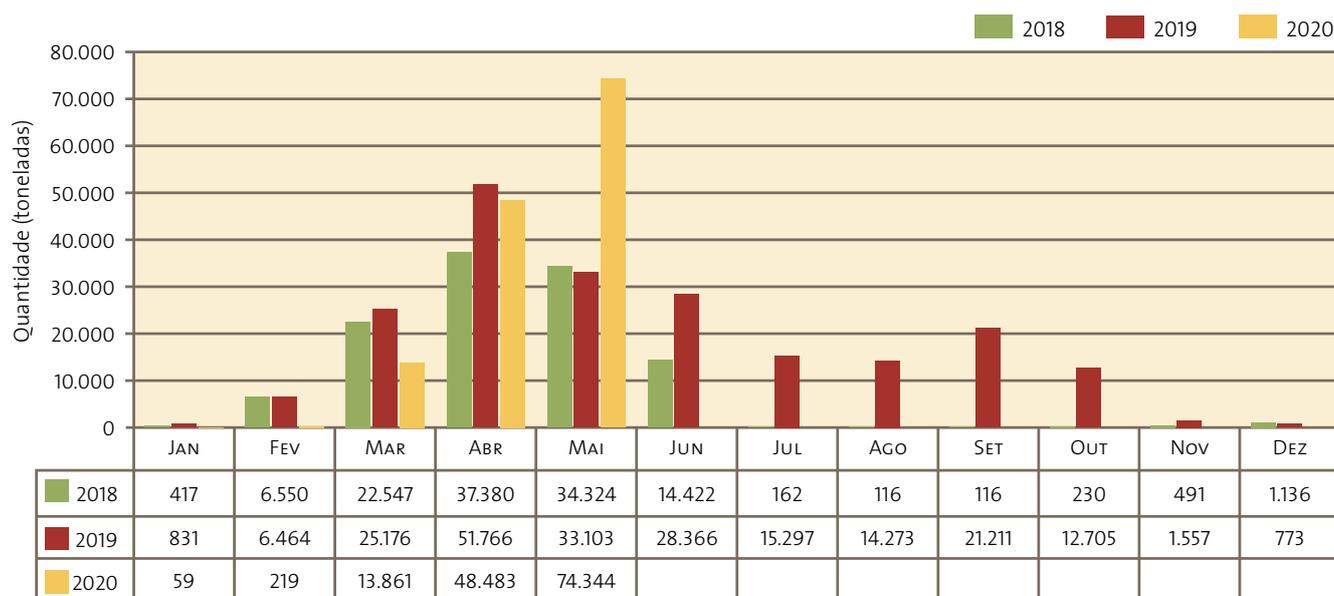
As duas hortaliças que, na comparação com 2019, estão com seus preços superiores, são a cebola e a cenoura. Para a cebola, as altas expressivas desde o início de 2020 posicionam a média deste ano acima da registrada em 2019. Os preços superiores ocorrem em todos os mercados e de forma sensível, chegando à marca de 50% na Ceasa/RJ - Rio de Janeiro e na Ceasa/PE - Recife. O arrefecimento da colheita e a consequente diminuição de oferta a partir do sul do país (região que concentra o abastecimento nacional no início do ano) e o atraso da produção nordestina em função das chuvas na região exerceram pressão sobre os preços, mesmo diante das medidas para o combate ao Coronavírus. Com os preços elevados, viabilizou-se a entrada das importações para preencher uma lacuna na oferta de cebola, mesmo com a demanda reprimida. Nesse sentido, com a pulverização da oferta e as atuais previsões de produção, a tendência é de declínio dos preços nos meses de junho, julho e agosto de 2020.

Em relação à cenoura, seus preços médios, no período considerado em 2020, também ficaram acima da média de 2019, com exceção para a Ceagesp - São Paulo e para a Ceasa/CE - Fortaleza. Na Ceasa/GO - Goiânia houve estabilidade e, nas demais, os preços superiores não foram tão intensos como no caso da cebola. No final de abril e no início de maio, as cotações da cenoura já apresentavam tendência declinante, diante de uma maior oferta. Essa queda, em 2019, só ocorreu em junho/julho. Os problemas enfrentados no começo deste ano durante o plantio com as chuvas já haviam sido superados em maio. A produtividade nas lavouras se recuperou, traduzindo-se em maiores quantidades ofertadas. Além disso, neste ano a nova dinâmica de comercialização imposta pela pandemia vem influenciando a demanda.

## **IMPORTAÇÃO DE CEBOLA**

É certo que sempre nos primeiros meses do ano, em razão da oferta de cebola concentrada no sul do país, notadamente em Santa Catarina, os preços em elevação e em altos patamares, surge a oportunidade da realização de importações. Esse fato ocorreu também neste ano. Entretanto, pode-se verificar no Gráfico 2 que as entradas concentram-se em abril e maio, com predominância no último mês citado. Isso teria ocorrido em função das medidas para o combate ao Coronavírus, que inseriram no mercado variáveis atípicas para a comercialização, tais como variações na demanda.

Gráfico 2 - Quantidade de cebola importada mensalmente pelo Brasil nos anos de 2018, 2019 e 2020



Fonte: AgroStat

Não obstante, mesmo com preços em alta desde o início do ano, as importações de cebola demoraram a acontecer. Isso ocorreu tanto pelas dificuldades e entraves às importações e à produção argentina no começo da pandemia, quanto pela incerteza do importador brasileiro em relação às novas condições do mercado nacional. Sempre no início do ano, os volumes de importação são crescentes, e mesmo com a cebola importada se agrupando à oferta da cebola nacional, não se assiste a queda de preço, pois a importação vem preencher uma lacuna, a fim de suprir a demanda. Dessa forma, o importador também garante sua margem de rentabilidade, viabilizando a atividade.

Quando os preços começam o movimento de redução, com a pulverização da produção nacional (oferta do bulbo a partir do Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e término da safra do Sul) as importações, na maioria das vezes, diminuem sensivelmente. Diante do panorama exposto, e mesmo com as medidas que estão influenciando a demanda, as importações de cebola de janeiro a maio de 2020 estão 17% acima das registradas nos cinco primeiros meses de 2019 e 35% superiores aos níveis de 2018.

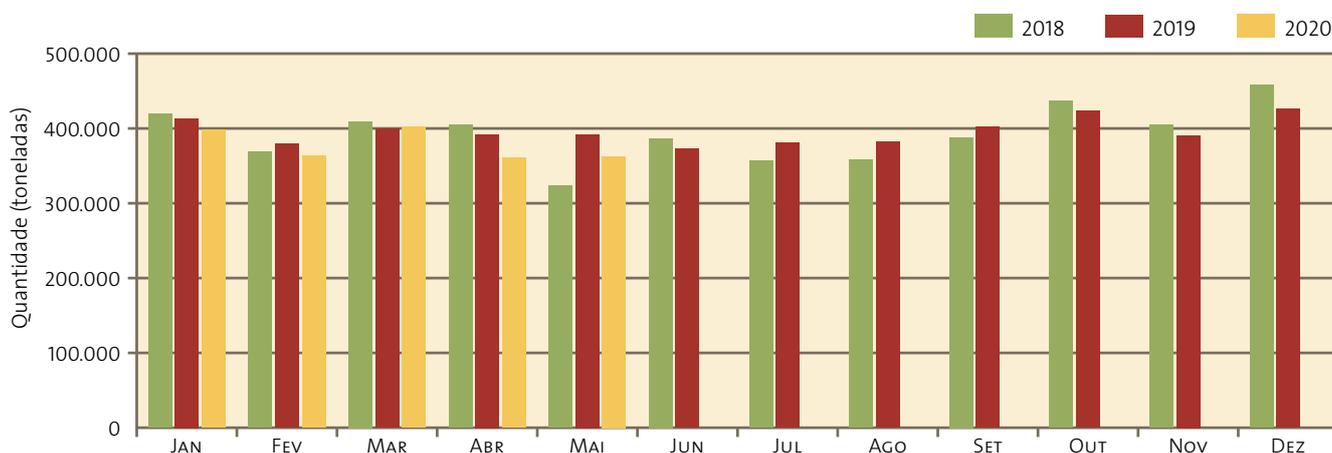
# FRUTICULTURA

## COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NAS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO

O Gráfico 3 apresenta a comercialização do setor de frutas considerando as seguintes Ceasas: Ceagesp/SP - São Paulo, CeasaMinas/MG - Belo Horizonte, Ceasa/RJ - Rio de Janeiro, Ceasa/ES - Vitória, Ceasa/PR - Curitiba, Ceasa/GO - Goiânia, Ceasa/DF - Brasília, Ceasa/PE - Recife e Ceasa/CE - Fortaleza.

A comercialização de frutas nas Ceasas foi levemente impactada com o início da crise sanitária trazida pela presença do novo Covid-19, mas nada que tenha significado uma queda abrupta em sua movimentação interna. A oferta nas Centrais de Abastecimento, nos meses de março a maio, caiu 5% em relação a 2019 e 1% na comparação com 2018.

Gráfico 3 - Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas analisadas de janeiro a maio de 2018, 2019 e 2020



Fonte: Conab

Em março, com o anúncio de medidas restritivas de mobilidade em grandes e médios centros urbanos, houve uma antecipação das compras do consumidor no varejo, em preparação para as menores movimentações fora de casa, com o intuito de evitar o contágio. Isso gerou um leve aquecimento do volume mensal comercializado em relação ao mês anterior, cerca de 10%. No entanto, já em abril e maio, houve descenso da comercialização em virtude de alguns fatores listados adiante.

Primeiramente, houve influência da adoção de medidas sanitárias que modificaram o fluxo interno dentro das Ceasas, com o controle do quantitativo das pessoas que acessam os mercados. O intuito foi evitar aglomerações e permitir a readequação dos espaços destinados ao Mercado Livre do Produtor, respeitando a distância mínima. Além disso, foi necessária pequena alteração nos seus horários de funcionamento, sem comprometer, contudo, a realização de suas atividades.

Em segundo lugar, a demanda por frutas diminuiu em virtude da renda mais retraída de parte da população e das restrições de mobilidade decorrentes da pandemia.

Em terceiro lugar, há a dinâmica de produção e distribuição de cada cultura específica. A maçã, por exemplo, por ter a oferta controlada pelos classificadores a partir do armazenamento nas câmaras frias e de ter a demanda voltada majoritariamente para o consumo doméstico, não sofreu grandes oscilações. Tal fato foi observado mesmo com a entressafra da gala e a produção de maçãs miúdas do tipo fuji. Já a laranja teve leve incremento de oferta, principalmente das precoces. Ressalta-se o aumento da demanda, no mês de março, por citrus. O motivo principal está ligado à pandemia vigente, que levou as pessoas a modificarem hábitos de consumo. Como essas frutas são ricas em vitamina C, auxiliam no aumento da imunidade e, assim, passaram a ser mais procuradas pelos consumidores. De outro modo, sentiu-se uma retração na demanda proveniente da determinação do fechamento de bares, restaurantes, escolas, além do fechamento tardio de contratos por parte da indústria produtora de suco, o que impactou em preços contidos no período.

Em quarto lugar, com a chegada do inverno, o consumo das frutas nos locais com maior queda de temperatura tradicionalmente diminui, mas de forma variável: por exemplo, maior diminuição do consumo de melancia e melão em relação a outras frutas. Isso é esperado tanto nas cidades e estados que adotaram medidas de flexibilização do confinamento em junho. Isso é esperado nas cidades e estados que adotaram medidas de flexibilização do confinamento.

Em quinto lugar, há algumas diferenças dos impactos da pandemia para cada Central de Abastecimento em virtude dos distintos períodos de entressafra, que afetam diferentes regiões do país, do momento de flexibilização do confinamento e de sua intensidade. Soma-se a isso a existência ou não de fenômenos climáticos nacionais ou locais, como secas, chuvas, geadas, entre outros.

## **ANÁLISE DE PREÇOS**

No caso das frutas, também foram consideradas aquelas com maior representatividade na comercialização efetuada nas Centrais de Abastecimento do país e que possuem maior peso no cálculo do índice de inflação oficial, o IPCA. São elas banana, laranja, maçã, mamão e melancia. Dessa forma, a Tabela 2 apresenta a média de preços no período de março a maio de 2020, que engloba o início da adoção das medidas de enfrentamento ao Coronavírus.

Tabela 2 - Média de preços das principais frutas, de março a maio de 2020, e sua variação em relação ao mesmo período de 2019

PRODUTO	BANANA		LARANJA		MAÇÃ		MAMÃO		MELANCIA	
	Preço Médio 2020	Variação								
CEAGESP - São Paulo	2,25	-13%	1,49	-25%	4,54	-5%	2,15	-45%	1,06	-22%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	1,96	3%	1,60	-1%	3,59	11%	1,68	-31%	0,96	-2%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	2,90	18%	1,67	19%	4,49	20%	1,83	-30%	1,54	-8%
CEASA/ES - Vitória	1,87	19%	1,84	-11%	4,67	36%	1,43	-34%	1,08	-7%
CEASA/PR - Curitiba	1,83	-5%	1,58	-11%	5,15	34%	2,30	-31%	1,20	-2%
CEASA/GO - Goiânia	2,85	12%	1,64	6%	3,46	-1%	1,74	-40%	1,60	3%
CEASA/DF - Brasília	3,16	-3%	1,55	-12%	4,58	40%	2,08	-43%	1,28	-23%
CEASA/PE - Recife	1,38	1%	1,97	3%	4,24	7%	1,34	-10%	0,96	-1%
CEASA/CE - Fortaleza	2,04	17%	2,32	-16%	5,50	0%	1,40	-6%	1,29	0%

Fonte: Conab

O mercado de banana nanica, em março, teve queda da colheita em São Paulo e Santa Catarina em razão do atraso no amadurecimento, decorrente do período mais seco. Isso, somado à baixa oferta da banana prata por causa do período de entressafra em várias regiões e da maior demanda na primeira quinzena do mês, teve como resultado a elevação de preços. Essa conjuntura começou a se estabilizar no fim do mês de março, por força da instituição do isolamento social como forma de prevenção contra o Covid-19. Em abril, a produção continuou baixa, a colheita menor, a demanda diminuída por causa do isolamento social, sendo que a distribuição praticamente foi feita para o varejo, por meio de mercados locais e hipermercados. Já em maio, houve alta da oferta em grande parte das Ceasas, justificada pelas dificuldades de escoamento das frutas em diversos locais, em meio à demanda enfraquecida. No entanto, essa alta da oferta e a queda de preços em maio não foi suficiente para mudar a média calculada para os três meses, de alta de preços na maioria das Ceasas. A entressafra verificada em março e em abril, com a baixa oferta daí resultante, foi crucial para o ocorrido.

No mês de março, houve o registro de alta das cotações para a laranja, na maioria dos entrepostos, em meio ao período de entressafra. Registrou-se um aumento da demanda por laranja e outros cítricos imediatamente antes das medidas restritivas de mobilidade para combate à pandemia, e isso não causou um aumento ainda maior de preços por causa da entrada nos mercados atacadistas da laranja pera da nova safra. Na segunda quinzena de março a demanda diminuiu, já reflexo da quarentena, com escolas, restaurantes e feiras fechados e baixa movimentação nos mercados. No entanto, já em abril, uma queda de preços foi detectada em vários mercados, com a influência do confinamento na diminuição da demanda pela fruta no varejo e da aceleração

da colheita das laranjas precoces e de outras variedades como pera, westin e rubi. Essa tendência se consolida em maio, com a generalização da queda de preços junto à elevação da oferta dos entrepostos atacadistas, o que foi determinante para o resultado de queda na maioria das Ceasas elencadas na Tabela 2. Esse cenário poderia ter sido agravado se, na segunda quinzena de maio, não houvesse a intensificação do fechamento de contratos da indústria produtora de suco e a consequente maior absorção da produção, que poderia inundar o mercado no varejo.

Já a maçã, que possui oferta controlada pelo fato dos classificadores armazenarem-nas em câmaras frias, não sentiu tanto os reflexos da pandemia. Pelo contrário: suas cotações aumentaram em diversas praças pesquisadas. O abastecimento nos meses selecionados ocorreu principalmente por meio de maçãs gala e fuji miúdas, as últimas em menor quantidade, pois a colheita da safra atrasou e só começou a ser direcionada ao mercado justamente no mês de maio. Esse foi um dos fatores que fez com que – pelo fato da oferta dessa variedade estar escassa – os preços aumentassem no período analisado, mesmo com a queda de parte da demanda (redução das vendas institucionais – escolas, principalmente). As maçãs maiores mantiveram preços mais altos, já que a oferta é substancialmente menor do que a demanda, e esse foi outro fator que contribuiu pra alta na média de preços.

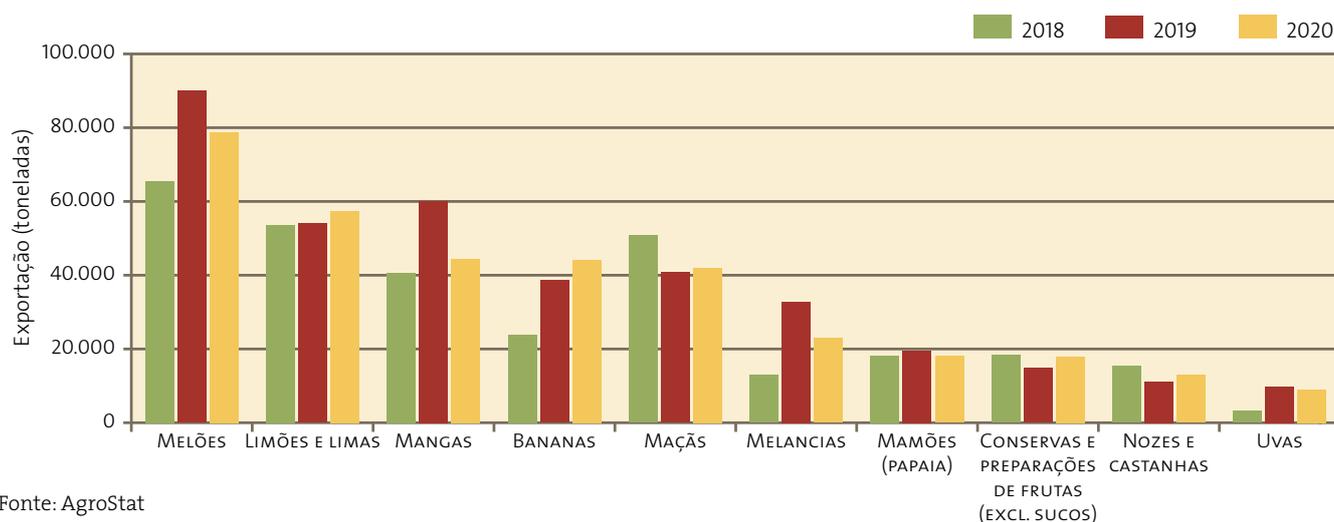
No caso do mamão, em março, com o início do isolamento social em decorrência da crise do Covid-19 na maioria dos estados, a demanda caiu e, por isso, mesmo com a queda da oferta, não houve disparada dos preços. Já em abril, a oferta reduziu tanto para a variante formosa quanto para a papaya, e o preço aumentou inicialmente em alguns centros distribuidores. Esse acontecimento poderia ter sido mais intenso se não tivesse ocorrido queda da demanda, seja por causa da menor disponibilidade de recursos dos consumidores nesse período, seja pelo fato de que os preços elevados nas semanas anteriores tiveram o efeito psicológico de arrefecer a procura. Já em maio registrou-se novamente queda de preços em virtude não só das restrições de renda, de comercialização e de mobilidade advindas da pandemia, mas do maior volume das frutas produzidas nas roças em meio à demanda estagnada. A demanda esteve aquém do necessário para absorver a produção, e ocorreram até mesmo perdas nas plantações e vendas abaixo dos custos. Esses fatores discutidos anteriormente estão na raiz da redução de preços, de significativos dois dígitos percentuais em todas as Ceasas, no período analisado.

Para a melancia, o período apresentou muita oscilação das cotações, mas o resultado geral foi de pequenas quedas em todas as Ceasas, à exceção da Ceasa/GO - Goiânia. Março teve alta de preços na maioria das Centrais de Abastecimento, redução da oferta e maior demanda na segunda e na terceira semanas do mês por conta, em parte, das antecipações das compras em decorrência da pandemia do novo Coronavírus. Já na última semana do mês de março, em abril e em maio, a demanda voltou a cair por causa do distanciamento/isolamento social, em consequência da crise sanitária e das menores temperaturas em diversas localidades, de modo que os preços e os volumes comercializados também caíram. Por isso, mesmo com a queda da oferta, em função da redução da demanda, os preços ao consumidor terminaram em descenso.

## EXPORTAÇÃO DE FRUTAS

O volume de exportação de frutas acumulado no Brasil de janeiro a maio de 2020 foi de 358,6 mil toneladas e aproximadamente 324 milhões de dólares. Isso significa uma redução de 6,8% em relação ao mesmo período de 2019, e o valor auferido diminuiu 15,41%. Destaque para o crescimento, mesmo nesse cenário, do volume das exportações de maçãs, limões e limas, banana e abacate.

Gráfico 4 - Exportação de frutas pelo Brasil, de janeiro até maio, em 2018, 2019 e 2020



Fonte: AgroStat

As exportações foram uma alternativa para alguns produtores de banana, por exemplo, em meio à demanda interna mais fraca. Porém, o percentual de aumento do volume foi menor do que de lucro auferido por influência da valorização do dólar. Os principais destinos continuam sendo o Mercosul e a União Europeia.

No caso do mamão, apesar do enfretamento de problemas logísticos em abril (suspensão de boa parte dos voos internacionais, principal modalidade de transporte de mamão e outras frutas) por causa da pandemia do Covid-19, ocorreu uma recuperação dos embarques em maio, com a retomada de alguns voos e o início da utilização do transporte marítimo. Em abril/20, foram exportadas 2.279 toneladas dessa fruta (redução de 46% em relação ao mês anterior); já em maio/20, foram enviadas ao exterior 2.842 toneladas (aumento de 25% na comparação com o mês de abril/20).

Já a exportação de melancia, no acumulado de março/20 a maio/20, reduziu em 19% em relação ao mesmo período de 2019, e sinalizou desaquecimento para a próxima temporada, com a crise econômica e sanitária no exterior. Produtores terão que entrar em novas negociações e buscar abertura de novos mercados para manterem o volume e a rentabilidade em bons patamares.

# CENÁRIO DO SETOR HORTIGRANJEIRO POR REGIÃO

Foram levantados, por meio das Superintendências Regionais da Conab, os aspectos inerentes à regularidade do abastecimento e às dinâmicas de comercialização adotadas no país durante a pandemia. Buscou-se identificar o grau de adaptabilidade dos setores produtivos e de comercialização frente às medidas de isolamento social implementadas pelos governos locais e estaduais, ora de forma flexível, ora mais rígida – *lockdown* (confinamento total).

Adicionalmente, analisou-se o impacto da logística no abastecimento, as cadeias produtivas mais afetadas pela alteração da demanda – em função do fechamento de feiras, bares, lanchonetes e restaurantes – e, ainda, as perspectivas por parte dos produtores localizados nas diferentes regiões do país.

As Suregs elencaram as seguintes fontes de informações: Secretarias Municipais de Agricultura de Porto Velho/RO, Ji-Paraná/RO, Rolim de Moura/RO e Vilhena/RO; Sindicato dos Produtores Rurais de Jaru/RO; Cooperativa dos Produtores e Agricultores Familiares de Cacoal/RO; Rede CNA Jovem/Senar/RR; Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento Seapa/RR; Agências de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas; Órgão de Extensão Estadual (Rurap) do Amazonas; Cooperativa dos Produtores Agropecuários de Pernambuco, Cabrobó e Região do São Francisco; Cooperativa de Agricultores Familiares do Cinturão Verde, da Zona Rural de São Luís/MA; Associações dos Municípios do Rio de Janeiro, São José de Ubá/RJ, Nova Friburgo/RJ, Angra dos Reis/RJ e Teresópolis/RJ; Divisão Técnica da Ceasa/RJ; Consórcios Intermunicipais e Secretarias Municipais de Agricultura do Rio de Janeiro; Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio do Rio de Janeiro (Seappa); Superintendência Federal da Agricultura (SFA/RJ/Mapa); Comissão de Produção Orgânica do Rio de Janeiro (CPOrg); Emater Minas Gerais; Secretaria de Agricultura Familiar do Estado de Mato Grosso/MT; Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional da Prefeitura de Curitiba/PR; Emater Rio Grande do Sul; Ceasa Serra (Caxias do Sul/RS); Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (Agraer) Mato Grosso do Sul; Secretaria de Agricultura Familiar (SAF); Emater Ceará e Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Ceará.

## REGIÃO CENTRO-OESTE

Na Região Centro-Oeste, os supermercados e atacados implementaram medidas de higienização e controle parcial de fluxo nas lojas, variando conforme o porte do estabelecimento e o nível de fiscalização do poder público em cada um dos estados. Com exceção do grande movimento de compras das famílias registrado no início da crise, dinâmica conhecida como “compras de pânico”, e como não houve adoção de *lockdown* em nenhum município ou estado da região, no período de março a maio, a comercialização manteve-se dentro de uma possível normalidade. Observou-se aumento expressivo das entregas em casa, sendo as encomendas realizadas por telefone ou por aplicativos, especialmente em Brasília/DF, em Goiânia/GO e em Campo Grande/MS.

Em relação às feiras, o funcionamento chegou a ser suspenso na totalidade no início da pandemia, mas logo houve reabertura gradual daquelas com melhor estrutura e possibilidade de controle do fluxo de pessoas. Essa flexibilização ocorreu após períodos que variaram de 15 a 20 dias de fechamento no Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e apenas no fim de maio no estado de Goiás, onde houve mais restrições em vigor. Como pré-requisito para retomada dessas atividades, foram aplicadas medidas de distanciamento social e protocolos de higienização. A comercialização no período considerado (março a maio/2020), embora esteja em trajetória ascendente, mantém-se abaixo dos níveis pré-pandemia, seja pela composição de parte do público, pertencente ao grupo de risco, seja pela adoção de rodízio entre os feirantes, como em Mato Grosso.

### Aspectos do setor hortigranjeiro, no período de março a maio de 2020, na Região Centro-Oeste

#### DISTRITO FEDERAL

- Nos municípios de Cristalina/GO, Corumbá/GO e Goianésia/GO, entorno do DF, registrou-se queda na comercialização de folhosas, cenoura e tomate. Isso ocorreu não só em razão da redução da demanda, como também da oferta, em função das chuvas ainda fortes no mês de abril.
- Dificuldade no escoamento de frutas produzidas localmente, como manga, banana e abacaxi, e hortaliças de ciclo curto.
- Demanda por hortigranjeiros vem aumentando lentamente, mas o aumento do custo dos insumos, com a comercialização abaixo do nível pré-pandemia, dificulta a tomada de decisão para culturas de ciclo médio e longo.
- Manutenção das entregas pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com destinação dos produtos principalmente aos bancos de alimentos do Distrito Federal, o que atenuou a queda na comercialização por outros meios.
- A execução do Programa de Aquisição da Produção da Agricultura (PAPA/DF) permanece como canal de direcionamento da produção local. Esse Programa adquire produtos e forma cestas com frutas e hortaliças, que são distribuídas para famílias em situação de insegurança alimentar, inscritas em programas sociais do governo local.

#### GOIÁS

- Todos os setores de hortaliças reportaram queda na demanda, entretanto a oferta foi reduzida pelas chuvas intensas de março e abril, o que, em alguns casos, levou à alta de preços (quiabo, jiló e abobrinha).

- A suspensão das aulas, com conseqüente interrupção nas entregas do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e do PAA para unidades de ensino, somada ao fechamento das feiras durante várias semanas, afetou de forma drástica as organizações de comercialização da agricultura familiar que tentam manter as entregas do PNAE em alguns municípios e alimentam expectativa quanto aos novos projetos do PAA.

---

## MATO GROSSO

- Foi registrada queda na demanda e no preço recebido pelos produtores locais, em especial na baixada cuiabana. Esse período de menor demanda coincidiu com a safra de produtos locais, como banana nanica, quiabo, jiló, vagem, maracujá, em municípios do oeste de Mato Grosso, como Mirassol D'Oeste e São José dos Quatro Marcos. A maior parte dos hortigranjeiros vem de SP, MG e GO.
- Redução da área plantada de maracujá, mamão e abóbora no estado.

---

## MATO GROSSO DO SUL

- A maior parte dos hortigranjeiros direcionados ao estado tem como origem a Ceagesp. Observou-se, contudo, grande impacto, especialmente em decorrência da menor demanda, nas cadeias locais de tomate salada, folhosas, mandioca e cebola.
- Cadeia produtiva de mandioca e derivados afetada pelo menor ritmo de aquisições pelas agroindústrias (farinha e fécula).
- Aumento do preço dos ovos por elevação dos custos dos insumos.
- A produção local foi impactada pela restrição de acesso ao polo turístico de Bonito. Parte da produção foi redirecionada para atravessadores, que mantêm as vendas porta a porta no interior do estado.
- Alguns segmentos, por falta de alternativa e com o intuito de evitar perdas, doaram a produção para suinocultores, agroindústrias de ração ou para a população, como em Deodópolis/MS.
- Os restaurantes reabriram, mas a demanda se manteve bem abaixo do nível pré-pandemia.
- Boa parte dos produtores aguardam a flexibilização das medidas e a retomada gradual da demanda, enquanto mobilizam o Governo do Estado a renegociar as condições de pagamento e expandir o crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp).

## REGIÃO NORDESTE

Do ponto de vista do abastecimento, as redes varejistas reforçaram as medidas de distanciamento social com controle de fluxo, a exemplo de Alagoas, onde algumas redes limitaram a 50% as vagas disponíveis nos estacionamento, solicitando que apenas um membro da família tivesse acesso ao interior das lojas. Ressalta-se que as vendas nessa região são fortemente influenciadas pelo setor turístico, o qual, impactado pela presente pandemia, reduziu o fornecimento dirigido a hotéis, resorts e restaurantes.

Na maior parte da região, as feiras voltaram a funcionar a partir de maio/20, tendo sido

suspensas em Sergipe, na Paraíba e na Bahia, no início da pandemia. As feiras da agricultura familiar e de bairro estiveram interrompidas no Maranhão até junho/2020. Em quase todos os estados, a comercialização pelo segmento registrou queda, sendo exceção a Bahia, onde as fontes locais informaram que vendas mantiveram-se em níveis próximos dos anteriores ao início da crise pandêmica. No Ceará, as feiras permaneceram suspensas na maior parte do interior, até maio/20, mas os mercados municipais, graças a maior estrutura e possibilidade de controle, retomaram as atividades.

Como nas demais regiões do país, novos mecanismos de escoamento ganharam impulso. É o caso da Nova Ceasa/PI, em Teresina, que registrou aumento expressivo de tele-entregas. A mesma dinâmica foi adotada pela Cohortifruiti, em São Luís/MA. Ainda no Maranhão, a Secretaria Estadual de Agricultura, Pecuária e Pesca (Sagrma) desenvolveu uma plataforma de vendas que já conta com grande número de produtores cadastrados. No mais, o varejo estabelecido nas capitais, como Fortaleza/CE, Natal/RN, João Pessoa/PB, Recife/PE e Maceió/AL, liderou a nova forma de comercialização, o que não foi suficiente, contudo, para sustentar o nível de demanda da produção de hortigranjeiros na região.

Com a perspectiva da colheita do milho e a suspensão das festas juninas, incluindo as festas de Caruaru/PE e Campina Grande/PB, que têm grande expressão na região, houve retração desse mercado, com reflexo negativo para os produtores.

Tal qual ocorreu em outras regiões, produtores pequenos, mais distantes dos centros urbanos e com menor estrutura ou volume que compense custos com deslocamento, foram mais impactados. Para não perderem a produção, vendem para atravessadores, os quais também estão comprando menos, em virtude da dificuldade de escoar e comercializar, ainda que porta a porta.

## Aspectos do setor hortigranjeiro, no período de março a maio de 2020, na Região Nordeste

### ALAGOAS

- A produção local responde por uma pequena parcela da comercialização, e por não estar em época de colheita, prevista para junho e julho, a baixa oferta, conjugada à menor demanda, levou a um quadro de relativo equilíbrio no período considerado (março a maio/2020).

### BAHIA

- Pequenos produtores vislumbram reduzir a área plantada de importantes produtos hortifrutícolas e temem que o avanço do desemprego e a queda da renda possam agravar o quadro econômico no estado.

### CEARÁ

- Tomate, repolho, cebola, limão e banana de produção local foram prejudicados precipuamente por doenças durante a safra das águas.
- Aumento de demanda para citrus, acerola e mel.
- Tendência de redução da área plantada em virtude da menor demanda, do aumento do custo dos insumos e do menor preço ao produtor.

## MARANHÃO

- Registrou-se aumento da comercialização no segmento de hortícolas. Na segunda quinzena de maio, aumentou a demanda por itens de produção local, como melancia, pimentão, e abóbora, e por produtos originários do CE, BA, MG, GO e SP.
- 

## PARAÍBA

- Culturas de ciclo mais curto tendem a reduzir a área, mas aguardam melhor definição do cenário.
  - Mandioca e abóbora foram os produtos locais mais afetados pela menor demanda do setor de bares, restaurantes, hotéis e feiras.
- 

## PERNAMBUCO

- No estado, o turismo é uma das principais atividades econômicas e, com a sua interrupção, houve queda na comercialização de hortifrútiis. Assim, observou-se perdas de produtos e aumento dos estoques de polpas de algumas frutas, como acerola e caju.
  - Em Petrolina/PE, quarta maior cidade do interior do Nordeste, foram registrados problemas nas vendas locais no atacado, varejo e feiras, pois houve significativa queda na demanda. Além disso, a redução do movimento de caminhões prejudicou o escoamento para outras regiões.
  - Em Garanhuns/PE, a expectativa é de aumento da área de cultivo para atender à demanda tanto do comércio quanto das compras governamentais.
- 

## PIAUI

- Houve queda no preço pago ao produtor para frutas, especialmente a banana.
  - Em razão da retração na demanda por produtos locais, vislumbra-se a possibilidade de redução da área plantada nos meses de junho, julho e agosto de 2020.
- 

## RIO GRANDE DO NORTE

- Houve relatos de perdas pontuais de alguns produtos pela retração de demanda nas feiras e no setor de alimentação e turismo.
  - Um dos setores extremamente afetados foi o de laticínios, em função da suspensão do Programa do Leite Potiguar e quedas nas vendas do segmento alimentício.
  - Alta no preço das folhosas por queda acentuada na oferta.
- 

## SERGIPE

- Produtores locais aguardam melhor definição do cenário para decidir a respeito da redução da área plantada.
- Segmento com produção contratada pelo PNAE e outros programas institucionais foram mais afetados, devido à dificuldade de captar novos mercados no curto prazo em tempo de destinar a safra atual.

## REGIÃO NORTE

Na Região Norte, o segmento comercial varejista operou com relativa normalidade por estar incluído nas atividades essenciais para garantir a oferta de alimentos às famílias. As alterações na dinâmica de funcionamento do setor foram restritas à adoção de medidas sanitárias de prevenção e controle da disseminação do Coronavírus. Dentre essas, destacam-se: mudanças no horário de funcionamento, reforço na higienização das lojas, dos carrinhos e cestas de compras, marcação do distanciamento mínimo nos setores onde pode ocorrer formação de filas, uso de máscaras a partir do momento em que sua obrigatoriedade foi imposta. Em algumas redes varejistas, destinou-se um horário exclusivo para atendimento aos idosos pelo fato de pertencerem ao grupo de risco.

Em Rondônia, Amazonas e Amapá, foi implementada também a limitação na quantidade de clientes no interior dos estabelecimentos, seja pelo controle na entrada, seja pela redução do número de vagas em estacionamentos, sendo, em alguns casos, permitido o acesso de apenas um membro da família para as compras. No Acre e em Roraima, não foram adotadas medidas extraordinárias no período de março a maio, enquanto no Tocantins, no Amapá e no Pará, em razão da adoção do *lockdown*, no mês de maio, foram registrados picos de demanda devido à necessidade das famílias de aprovisionarem mantimentos para o período de vigência dessas medidas mais restritivas. Nos demais estados da região, tais picos se deram principalmente no mês de março, quando a pandemia começou a se tornar presente em todo o país.

Diante das restrições de mobilidade, os comerciantes e produtores necessitaram encontrar alternativas para fazer frente à demanda dos consumidores e atenuar os prejuízos derivados da suspensão do funcionamento de restaurantes, lanchonetes e das unidades escolares. Com isso, foi registrado aumento nos serviços de tele-entrega prestados por supermercados, mercearias, pequenos comerciantes e parte dos produtores, que contam com melhor estrutura, volume e diversidade de produtos para oferecer essa modalidade sem incorrer tanto em margem de custos.

Foram desenvolvidas também iniciativas de aproximação do consumidor com o produtor mediante plataformas digitais de comercialização e aplicativos, a exemplo dos que foram criados em Rondônia, Amapá e Roraima, que permitem encomendar produtos, negociar preços e ajustar as condições de fornecimento e entrega. Essa iniciativa foi mais pronunciada nos cinturões verdes, em torno das capitais, e também no interior de cada um dos estados, nos arredores dos municípios mais populosos.

Em relação às feiras, o funcionamento se mostrou heterogêneo nas Unidades Federativas da região. No Acre, mantiveram-se suspensas 43 feiras na capital e também em parte dos municípios do interior. No Amapá, as feiras livres foram fechadas. Em Roraima, apenas a feira do produtor de Boa Vista foi autorizada a operar e, na fronteira com a Venezuela, a prefeitura de Pacaraima restringiu o funcionamento às sextas. Além disso, mercados municipais e feiras de bairro foram fechadas. No Amazonas, foram fechadas as feiras vinculadas à Agência de Desenvolvimento Sustentável. No Pará, especificamente na Região Metropolitana de Belém, as feiras foram mantidas em funcionamento, enquanto no interior muitas foram fechadas por decretos municipais. Nos demais estados, as feiras permaneceram em funcionamento observando as medidas sanitárias e de distanciamento social vigentes. Em toda a Região Norte, houve, em decorrência do isolamento social e da redução da atividade do comércio do setor alimentício, forte redução na circulação de clientes, com conseqüente queda na demanda e dificuldade para os produtores, que tinham nas feiras seu canal de comercialização.

Adicionalmente, destaca-se o fato de parte do segmento produtivo e dos clientes das feiras pertencerem ao grupo de risco, o que, aliado à menor demanda no mercado e à menor perspecti-

va quanto ao volume comercializado, não ofereceu atrativos para o deslocamento e a manutenção desse mercado em funcionamento.

A queda no preço pago ao produtor também desestimulou a venda para intermediários, que adquirem os hortigranjeiros e os revendem porta a porta em alguns bairros. No Acre, o rodízio de veículos adotado no mês de maio/20 tornou esse mecanismo de comercialização ainda mais restrito.

Apesar disso, a logística de abastecimento não foi severamente afetada, visto que o setor é essencial para garantir a regularidade da alimentação à população. Foram relatadas, contudo, situações como no Amapá, onde o “Caminhão da Feira”, projeto que reúne a produção de diversos fornecedores e as comercializa em cidades do interior, como Santana, foi suspenso. No Acre, o transporte dos produtores do interior para as feiras da capital é organizado pelo poder público estadual e teve que ser interrompido. Em estados onde o transporte de produtos é feito por embarcações que também transportam passageiros, o serviço foi suspenso, o que dificultou a chegada aos pontos de venda.

No quadro abaixo, são apresentados os destaques quanto ao setor hortigranjeiro e à regularidade no abastecimento na Região Norte do Brasil.

### Aspectos do setor hortigranjeiro, no período de março a maio de 2020, na Região Norte

#### ACRE

- Queda da demanda atrelada à suspensão das feiras e ao fechamento da fronteira Brasil-Bolívia.
- Alta de preço de produtos, como batata, alho, ovos e frutas.
- Setor de folhosas (alface, repolho, couve, etc.) bastante afetado em razão da queda na demanda e da alta perecibilidade, inviabilizando a compra em maior quantidade pelas famílias.
- Agricultura familiar buscou alternativas de escoamento da produção. Cogitou-se, ainda, a redução da área plantada em culturas de ciclo curto, caso as restrições se prolonguem por muito tempo.
- O transporte dos produtores e de seus produtos do interior para a capital, Rio Branco, que era efetuado com apoio do poder público estadual, foi suspenso por medida sanitária, sendo uma das razões que inviabilizou o funcionamento das feiras.

#### AMAPÁ

- Alta de preço de produtos como batata, cebola, cenoura e tomate, os quais são fornecidos por outros estados.
- O setor de folhosas e de especiarias, de produção local, foi o mais afetado.
- Rede de fornecedores do PNAE afetada pela suspensão do Programa.
- Vislumbrou-se a redução da área plantada, em virtude não só da menor demanda, como do início do período chuvoso e de restrições ao fluxo de mão de obra de fora do estado.

## AMAZONAS

- Alta de preço de ovos, limão, batata e cenoura.
  - Produtores de culturas de maior perecibilidade e ciclo curto estudam readequar suas áreas de cultivo, enquanto os demais apostam em um relaxamento das restrições e na retomada gradual da demanda.
  - A logística fluvial do estado, bem como as maiores distâncias entre municípios consumidores e áreas produtoras agravaram a situação dos pequenos produtores.
- 

## PARÁ

- A falta de embarcações, principalmente no período de *lockdown*, inviabilizou o escoamento da produção de regiões, como do Baixo Amazonas para os centros consumidores de Manaus e Macapá, causando grandes prejuízos para os agricultores, que optaram por doar a produção para que o produto não se perdesse no campo.
  - As Associações e Cooperativas têm investido no aumento da área cultivada, motivados pelo aumento da demanda pelas hortaliças na região após um período de adaptação aos novos sistemas de comercialização e a reabertura do comércio, inclusive das feiras livres e do mercado Ver o Peso.
- 

## RONDÔNIA

- Queda no preço final e na remuneração do produtor de cenoura, quiabo, inhame, abobrinha, folhosas, abacaxi, mamão e banana, produzidas no próprio estado, como reflexo da menor demanda.
  - Aumento no custo de comercialização de embutidos, queijos e outros produtos processados, cujas vendas passaram a ser fracionadas e acondicionadas em embalagens predefinidas.
  - Os produtores locais optaram por reduzir a área plantada de mandioca e de melancia, por exemplo, já que os canais de varejo de maior porte, como supermercados, as adquirem de outras regiões. Isso ocorre pois eles têm contratos em grandes lotes que contemplam fornecimento em mais de uma região.
  - Os demais setores aguardam a retomada gradual da demanda, com o relaxamento das medidas no médio prazo.
  - Há grande expectativa quanto à execução do PAA, na modalidade Compra com Doação Simultânea, e retomada do PNAE.
- 

## RORAIMA

- Prejuízo para os produtores que direcionam sua produção majoritariamente às feiras de Pacaraima/RR, na fronteira com a Venezuela, e feiras de bairro de Boa Vista, que não puderam utilizar outros canais de comercialização.
  - Redução da área plantada no curto prazo para culturas desenvolvidas localmente.
- 

## TOCANTINS

- Forte alta na cotação do alho em razão das restrições na importação em um primeiro momento.
- Dificuldade no escoamento de hortaliças de ciclo curto e de frutas produzidas localmente,

como manga, banana e abacaxi, em razão da dificuldade de frete de retorno, em função do fechamento de serrarias.

- Redução da área plantada de hortaliças no curto prazo e indecisão dos produtores quanto à indução floral da manga, pelo custo elevado e mercado instável; e quanto à produção de sementes e mudas de outras culturas.

## REGIÃO SUDESTE

O Sudeste destaca-se não só pela concentração demográfica, como também pela expressiva produção, beneficiamento e reexpedição de hortigranjeiros para vários estados do país, em especial a Ceagesp e a CeasaMinas, conforme abordado anteriormente.

Com o intuito de manter o abastecimento estabilizado, as Centrais de Abastecimento da região e os governos locais aplicaram uma série de medidas que se mostraram tempestivas e eficientes no cumprimento desse objetivo. As Ceasas, por exemplo, implementaram escalonamento das entregas, estenderam e aumentaram a frequência de medidas de desinfecção, e distribuíram itens de proteção individual a comerciantes, clientes e colaboradores.

As redes de autosserviço operaram de modo normal, implementando medidas de controle de fluxo e reforço na higienização de superfícies. Quanto ao abastecimento, em um primeiro momento, devido às compras de pânico, foram registradas faltas pontuais de produtos, como ovos, citrus e frutas de menor valor. Logo a oferta foi normalizada, ainda que com preços mais altos, devido ao reajuste de fluxo e à readequação da dinâmica operacional das redes e de seus fornecedores.

Já as feiras da região, que em um primeiro momento foram suspensas por decretos municipais, foram liberadas gradativamente. Essa liberação gradual se deu na medida em que eram criados procedimentos e condições que assegurassem um mínimo de distanciamento social entre feirantes e clientes. Uma nova dinâmica configurou-se, a exemplo do Rio de Janeiro, onde muitos feirantes adotaram um sistema de encomenda por telefone e formulários on-line, cabendo ao cliente apenas retirar o produto já selecionado e embalado na feira de seu bairro. Nos demais estados, também foram adotadas medidas que incluem o revezamento entre os feirantes de um mesmo segmento e o distanciamento entre as barracas, aferição de temperatura dos clientes, pontos de lavagem e higienização e recomendação de comercialização dos itens já embalados. Convém ressaltar que vários mercados públicos da região voltaram a operar, como o Mercado Central de Belo Horizonte e o Mercado Municipal de São Paulo.

Em complemento a essas medidas, e como forma de auxiliar os produtores a reduzir as perdas pelo novo contexto de comercialização, também foram desenvolvidas, pela Secretaria Estadual de Agricultura/RJ, iniciativas de comercialização mediante plataformas digitais e aplicativos. Assim, é possível que os consumidores contactem fornecedores de diversos itens e ajustem as condições de aquisição.

### Aspectos do setor hortigranjeiro, no período de março a maio de 2020, na Região Sudeste

#### ESPÍRITO SANTO

- Setor de folhosas (notadamente alface e repolho), chuchu e outros de produção local, em especial na região de Santa Maria de Jetibá, grande produtor de hortaliças do estado, com

queda no preço recebido pelo produtor. Além do grande impacto nos segmentos, cujo principal canal de comercialização é o de feiras e programas institucionais como o PNAE.

- Com a limitação das vendas diretas, muitos cogitaram reduzir a área plantada, especialmente os que têm menos recursos para captar novos mercados ou efetuar suas próprias entregas.

---

## MINAS GERAIS

- O mercado sofreu efeitos em razão principalmente da sazonalidade, nem tanto pela alteração de dinâmica desencadeada pela pandemia.
- Cebola, alho, banana (maior produtor nacional), manga, uva, abacaxi ficaram com demanda bem inferior aos níveis pré-pandemia, o que se refletiu nos preços pagos ao produtor no estado.
- Redução da área plantada nos produtos de ciclo curto e alternância de culturas também pelo encarecimento dos insumos, decorrente da forte alta do dólar.
- Retomada do PNAE, com entrega dos produtos às famílias dos estudantes.

---

## RIO DE JANEIRO

- Forte retração para frutas e hortaliças de produção local, especialmente na região serrana, incluindo culturas como morango, tangerina, caqui e milho verde, devido à menor demanda nas feiras e à suspensão de compras institucionais.
- Setor de flores é um dos segmentos mais afetados, devido à suspensão de cerimônias de casamentos, formaturas, lançamentos empresariais e celebrações em geral. O estado é o segundo maior fornecedor nacional.
- Redução da área plantada da produção, segundo a Emater, de cerca de 35% na região de Teresópolis. Além disso, observa-se readequação da produção aos novos mecanismos de comercialização, inclusive no médio prazo, após a superação da pandemia, reflexo também do aumento dos insumos.

---

## SÃO PAULO

- Aumento de demanda por hortaliças e frutas de maior durabilidade, que permitem maior tempo de acondicionamento.
- Queda no preço recebido pelo produtor de folhosas e de itens de ciclo curto, tanto em função da menor demanda nas feiras, como também pelo aumento da produção, favorecido pela chegada das temperaturas mais amenas. Efeitos sentidos em especial no cinturão verde da Grande São Paulo e nas culturas de batata-doce e mandioca, em função da menor aquisição pelas agroindústrias de fécula e derivados.
- Crescimento das entregas e da comercialização próxima aos locais de produção, com ou sem intermediários.
- Em geral, boas expectativas com a flexibilização das restrições, especialmente no interior do estado. Espera-se aumento das aquisições por parte das indústrias de suco. Além disso, a oferta esteve controlada, em função da menor incidência de chuvas no cinturão citrícola. A demanda por mandioca pela indústria indicou aquecimento.
- Projeto financiado pela Fundação Banco do Brasil permitiu a compra de hortifrúti de agricultores da região do Alto Tietê, visando minimizar as perdas pela dificuldade de comercialização impostas pela quarentena. Os alimentos entraram na composição de kits doados a famílias em vulnerabilidade social

## REGIÃO SUL

Concomitante à pandemia, o setor hortigranjeiro na Região Sul foi afetado por uma grave estiagem, a mais expressiva em décadas, que produziu efeitos em diversas culturas. Em ênfase, as culturas das folhosas, do morango, principalmente o produzido no estado do Paraná, e a da tangerina, do Rio Grande do Sul. A queda de oferta das hortaliças folhosas deverá ser equilibrada pelo ajuste de uma demanda menor, em razão da chegada do período mais frio, quando o consumo de hortaliças cozidas se sobrepõe ao dos alimentos crus.

Da perspectiva do varejo, o funcionamento das lojas de autosserviço nos três estados, a exemplo das outras regiões do país, manteve-se dentro da normalidade, observando-se as medidas de higienização e controle de aglomeração em ambientes fechados. Esse segmento também apostou no aumento da capacidade de atendimento na modalidade de entrega, o que contribuiu com as medidas de isolamento ao mesmo tempo em que assegurou estabilidade no suprimento das famílias. Em Porto Alegre, o Mercado Municipal manteve-se aberto, experimentando diferentes níveis de operação dos comerciantes e limitando o fluxo de clientes.

As feiras foram suspensas inicialmente em toda a Região no mês de abril e no início de maio, com uma retomada gradual sendo observada especialmente no Paraná, mas com movimento ainda bem abaixo do nível anterior à pandemia. Na primeira quinzena de maio, produtores que fornecem para as feiras de Maringá/PR registraram prejuízos em função da queda na demanda e pela dificuldade em escoar por canais alternativos.

Nesse sentido, as Ceasas paranaenses também registraram retração no volume de negócios, especialmente a unidade de Foz do Iguaçu, impactada pelo fechamento da fronteira com *Ciudad del Este*, Paraguai.

Como alternativa para consumidores e produtores, a Prefeitura de Curitiba desenvolveu uma plataforma de comercialização intitulada “Feiras Livres”. No Paraná, em especial na capital e nas cidades médias, muitos produtores têm alternado o fornecimento aos restaurantes e hotéis para outros pontos de comercialização. Com isso, tem-se direcionado para mercados de bairro, redes varejistas menores ou revendido a intermediários, os quais, por sua vez, fornecem para clientes mediante encomenda e entrega programada.

Durante os três meses iniciais da pandemia, registrou-se a queda na demanda por morangos, cujos canais tradicionais de escoamento foram bastante afetados pelas medidas de distanciamento social. Diante desse cenário, o setor produtivo, com grande expressão em Araucária/PR e São José dos Pinhais/PR, foi compelido a direcionar grande parte do volume produzido às indústrias produtoras de polpas, fato que reduziu, de forma expressiva, o preço pago ao produtor.

### Aspectos do setor hortigranjeiro, no período de março a maio de 2020, na Região Sul

#### PARANÁ

- Maior retração sentida no setor de folhosas e da produção familiar destinada às feiras, que foram suspensas no início da crise. O início do período frio também contribuiu para o menor consumo de folhagens.
- Em decorrência do fechamento da fronteira com o Paraguai, registrou-se menor demanda na Ceasa de Foz do Iguaçu.

## RIO GRANDE DO SUL

- Em razão da estiagem, houve queda na produção de citros, em especial tangerina, dentre outras culturas do estado.
  - A demanda por folhosas diminuiu em razão das medidas de distanciamento social. Além disso, houve aumento da produtividade por conta do clima mais ameno.
- 

## SANTA CATARINA

- De forma geral, a estiagem teve papel mais determinante nas dinâmicas de comercialização, com consequente impacto à renda do produtor, do que as medidas de isolamento social.
- Agricultura orgânica, que já usava mecanismos de comercialização por aplicativo e por entrega, manteve seu nível de comercialização.

## CONCLUSÃO

O trabalho demonstra como as medidas de isolamento/distanciamento social influenciaram o setor hortigranjeiro brasileiro nos meses de março a maio de 2020.

Em relação à comercialização de hortaliças e frutas exercida nas Centrais de Abastecimento Brasileiras, não se observaram variações significativas que pudessem ser atribuídas diretamente à pandemia, salvo para o setor de folhosas. Para as hortaliças mais perecíveis, tais como as folhosas, os impactos da pandemia têm sido maiores, uma vez que as medidas de prevenção demandam grandes cuidados com a higienização. Some-se a isso o fato de os consumidores passarem a preferir hortaliças passíveis de cozimento, além das dificuldades de armazenamento por períodos mais longos, necessários para a quarentena.

Os aumentos ou as reduções de preços nos meses analisados são decorrentes de fatores sazonais de cada grupo de produtos e, também, dos fenômenos climáticos que acometem as diferentes regiões do país.

Já no que concerne aos preços, os impactos são mais sentidos, uma vez que se observa retração na demanda e dificuldade de escoamento em algumas regiões. A menor procura pelas hortaliças e frutas é resultante de uma série de fatores: fechamento de restaurantes, bares, lanchonetes, interrupção do PNAE e das aulas nas unidades de ensino, suspensão das feiras livres (e quando em funcionamento, com fluxo reduzido) e renda mais contraída da população, que assim privilegia alimentos mais básicos.

O novo cenário imposto pela pandemia faz com que muitos produtores e comerciantes reinventem suas formas de comercialização. Assim, a tele-entrega, a venda por aplicativos e outras plataformas de comércio digital têm sido uma alternativa para manterem seus negócios e minimizarem as consequências da demanda retraída.

Em todas as regiões do país, o segmento varejista, que comercializa hortaliças e frutas, esteve funcionando dentro da normalidade, já que se trata de serviço essencial, adotando uma série de medidas sanitárias para o controle da disseminação do vírus. Já as feiras livres receberam abordagens distintas, variando de estado para estado. Assim, em algumas localidades, por exemplo, foram suspensas e em seguida retomadas após adaptação, com adoção de medidas de combate ao Covid-19. Porém, o fluxo ainda é menor quando comparado ao período pré-pandemia. Para os produtores que tinham nas feiras seu principal canal de comercialização, os impactos foram ainda mais sentidos.

Diante do exposto, o estudo aborda inúmeras variáveis que compõem o setor do abastecimento de HFs nos estados brasileiros, resguardando suas especificidades. Assim, é latente a importância do trabalho no sentido de analisar todas as nuances que envolvem o abastecimento alimentar, notadamente do segmento hortifrutícola, e, com isso, desenvolver políticas públicas para atenuar os referidos impactos, garantindo assim o direito constitucional à alimentação.

## REFERÊNCIAS

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Hortigranjeiros (Prohort)**. Brasília: Conab, 2020. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/hortigranjeiros-prohort>. Acesso em: 22 jun. 2020.

HORTFRUTI BRASIL. Piracicaba, SP: Cepea - Esalq/USP, v. 19, n. 198, mar. 2020. Disponível em: <https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/o-hf-tambem-e-delas.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2020.

HORTFRUTI BRASIL. Piracicaba, SP: Cepea - Esalq/USP, v. 19, n. 199, abr. 2020. Disponível em: <https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/hortifrutis-que-melhoram-a-imunidade-e-podem-render-boas-oportunidades-ao-produtor.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2020.

HORTFRUTI BRASIL. Piracicaba, SP: Cepea - Esalq/USP, v. 19, n. 200, maio 2020. Disponível em: <https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/edicao-de-maio-oportunidades-ao-setor-na-quarentena-especial-citros.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. Brasília: Mapa, 2020. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 22 jun.2020.



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

